



Bruno Ottoni

Especialista sênior da FGV
Projetos. Professor da Uerj

As enchentes no Rio Grande do Sul e o mercado de trabalho formal

Mais de 17 mil postos de trabalho foram destruídos. Indústria, agro e comércio foram os setores mais afetados.

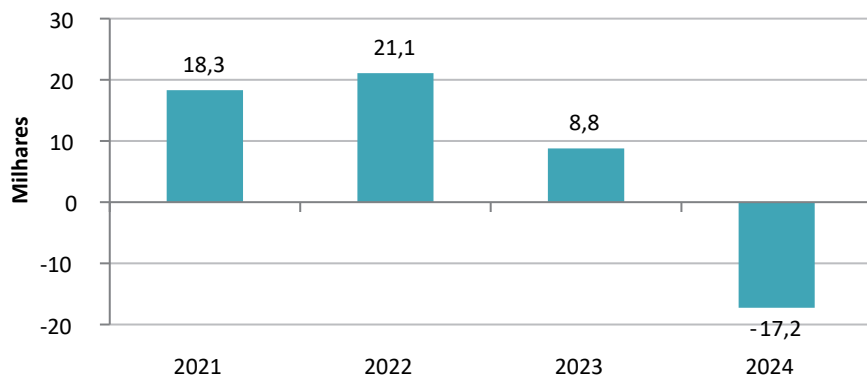
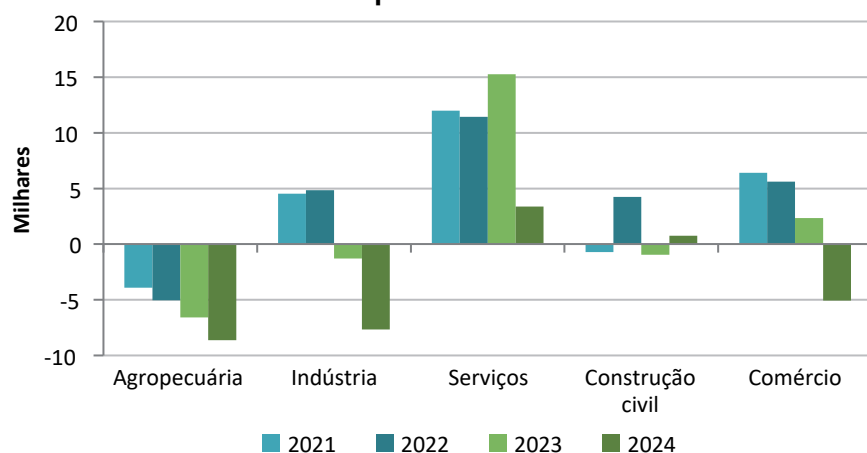
No primeiro semestre de 2024, o Rio Grande do Sul decretou calamidade pública depois que intensas chuvas provocaram enchentes devastadoras em quase todos os municípios daquele estado. Este texto busca analisar o efeito dessas enchentes no mercado formal de trabalho gaúcho, utilizando dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), divulgados pelo Programa de Disseminação de Estatísticas do Trabalho (PDET).

As chuvas, que começaram no final de abril e se intensificaram ao longo de maio, levaram a cheias históricas em quase todas as cidades. As águas só foram baixar no início de junho, deixando mais evidente ainda todo o estrago causado. No gráfico 1, observamos o saldo de empregos formais do Rio Grande do Sul, durante os meses de abril, maio e junho, para os anos entre 2021 a 2024. Ainda em 2023 vemos uma redução na criação de vagas comparado com o mesmo dado em anos

anteriores, com saldo de 8,7 mil postos criados, contra 21,1 e 18,3 mil nos anos anteriores. Parte disso se deve ao fato de que o estado já registrava recordes de chuva em 2023, o que pode ter afetado a agropecuária e a indústria. Em 2024, como consequência das enchentes, a queda foi ainda mais abrupta, chegando a um saldo negativo de 17,2 mil postos de trabalhos destruídos.

No gráfico 2, observamos o mesmo dado, dessa vez separando pelos grandes setores de atividade. A agropecuária, setor que tradicionalmente registra fechamento de vagas nessa época do ano, apresentou queda em 2024, com 8,6 mil postos de trabalho destruídos – mais que o dobro do observado em 2021. A indústria e o comércio, que geralmente criam vagas nesse período, também registraram saldos negativos em 2024, com perdas de 7,6 mil e 5 mil empregos, respectivamente. O setor de serviços, que concentra a maior parte das contratações formais, teve um saldo positivo, mas bem abaixo do habitual – 3,4 mil empregos criados.

Por fim, na tabela 1, desenhamos o perfil do trabalhador que teve o

Gráfico 1: Saldo de emprego nos meses de abril, maio e junho de cada ano (2021-2024)**Gráfico 2: Saldo de emprego nos meses de abril, maio e junho de cada ano por setor de atividade****Tabela 1: Saldo de emprego nos meses de abril, maio e junho de cada ano por gênero, faixa etária e faixa de renda**

Categoria		2021	2022	2023	2024
Gênero	Homens	2.815	7.284	-133	-14.910
	Mulheres	15.489	13.823	8.901	-2.327
Faixa etária	Jovens (24 anos ou menos)	21.850	22.133	19.271	10.718
	Adultos (25 a 59 anos)	-819	1.377	-7.541	-23.794
	Idosos (60 anos ou mais)	-2.727	-2.403	-2.962	-4.161
Faixa salarial	1 SM ou menos	5.232	6.420	4.695	4.155
	de 1 a 5 SM	13.058	14.919	4.767	-21.110
	de 5 a 10 SM	-101	-218	-486	-33
	Mais de 10 SM	-4	-16	-211	-247

Fonte: Caged. Elaboração própria.

posto de trabalho destruído no período avaliado. O saldo foi negativo para todas as categorias exceto para trabalhadores mais jovens (24 anos ou menos) e aqueles que recebem um salário mínimo ou menos. Homens e mulheres registraram saldos positivos até 2023, mas ambos sofreram quedas em 2024, com destaque para os homens (-14,9 mil). Em termos de faixa salarial, a maior destruição de postos de trabalho ocorreu entre aqueles que recebem entre 1 a 5 salários mínimos (-21.110), ao mesmo tempo que houve saldo positivo entre aqueles com renda de um salário mínimo ou menos. Isto pode sugerir que parte dos trabalhadores que perderam seus empregos se realocaram em postos com salários menores.

Em resumo, mais de 17 mil postos de trabalho formal foram destruídos durante as enchentes no Rio Grande do Sul. Essa perda foi puxada sobretudo pelos setores de agropecuária, indústria e comércio, embora outros setores também tenham sido afetados. Além disso, parte dos trabalhadores que perderam seu emprego formal, podem estar se realocando em vagas com salário menor. Retomar estes postos de trabalho é apenas um dos inúmeros desafios que o estado vem enfrentando desde que as chuvas arrefeceram. Isso reforça a necessidade de discutir e aprimorar esforços de contingência para situações de calamidade, garantindo um suporte robusto e eficiente tanto para empresas quanto para trabalhadores em momentos como esse. ■

Bruno Ottoni escreve a cada bimestre.